
A INFLUÊNCIA DA MONITORIZAÇÃO PARENTAL E DA COMUNICAÇÃO COM OS PAIS NO BEM-ESTAR E NOS COMPORTAMENTOS DE RISCO DOS ADOLESCENTES

INFLUENCE OF PARENTAL MONITORING AND COMMUNICATION WITH PARENTS IN ADOLESCENTS' WELL-BEING AND RISK BEHAVIORS

Inês Camacho
Gina Tomé
Margarida Gaspar de Matos
Celeste Simões
José Alves Diniz

Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa; CMDT/UNL

Autor para correspondência
Inês Camacho - icamacho@ihmt.unl.pt

Resumo: O presente estudo tem como objectivo analisar se os jovens que apresentam uma menor monitorização por parte dos pais são aqueles que estão menos satisfeitos com a vida e com a família, são mais infelizes, não gostam da escola, têm mais sintomas físicos e psicológicos e apresentam mais comportamentos de risco (consumo de substâncias e violência). Se essa tendência se verificar, analisar se a facilidade em comunicar com os pais poderá moderar a esta relação e surgir como factor protector.

Metodologia: A amostra do presente estudo é constituída por jovens que participaram no estudo HBSC- Health Behaviour in School – Aged children, em 2010, em Portugal continental, sendo constituída por 3494 jovens do 8º e 10º ano de escolaridade com uma média de idades de 14.94, em que 46.4% são rapazes

e 53.6% são raparigas.

Resultados: Os resultados demonstram que são as raparigas e os jovens mais novos que referem ter uma maior monitorização por parte dos pais. Os jovens que têm menos monitorização parental são aqueles que são menos satisfeitos com a família e com a vida, são mais infelizes, gostam menos da escola, apresentam mais sintomas psicológicos e são também aqueles que consomem mais substâncias e são mais violentos. A interação entre a monitorização parental e a comunicação com os pais apenas surgiu na satisfação com a família e nos sintomas psicológicos para a comunicação com a mãe.

Conclusão: A monitorização parental surge como factor protector na vida dos adolescentes nomeadamente nos comportamentos de risco e no bem-estar.

Palavras-chave: Monitorização parental; comunicação com os pais; satisfação com a família; satisfação com a vida; felicidade; escola; sintomas; comportamentos de risco.

Abstract: This study intends to analyse if youngsters who show a lower surveillance by their parents are those that are less satisfied with life and family, if they are unhappy, if they do not like school, if they have more physical and psychological symptoms and if they demonstrate more behaviours of risk (substance consumption and violence). If this tendency is verifiable, analyse the conduct of a good communication with their parents might moderate this relationship and emerge as a protective factor.

Methods: The sample of this study is formed by youngsters who have taken part on the HBSC- Health Behaviour in School – Aged children study, in 2010, in Portugal, gathered from 3494 youngsters of the 8th grade and 10th with an average of 14,94 years old, where 46,4% are boys and 53,6% are girls.

Results: The results show that girls and younger teenagers have a higher parental monitoring. Teenagers who have a lower parental monitoring are those who are less satisfied with family and life, they are unhappy, they do not enjoy school, they present psychological symptoms and they also consume substances and they are more violent. The interaction between parental monitoring and communication with parents rises in the satisfaction with family and in psychological symptoms while communicating with the mother.

Conclusion: Parental monitoring rises as a protective factor in teenagers' life, namely in behaviours of risk and in the well-being.

Key-words: Parental monitoring; communication with parents; satisfaction with family; satisfaction with life; happiness; school; symptoms; risk behaviour.

Introdução

Os pais têm claramente um papel fundamental quando os adolescentes estão em risco de estarem associados a comportamentos de risco tais como o consumo de álcool, tabaco, drogas ilícitas bem como comportamentos sexuais de risco. A monitorização parental, comunicação e estilos parentais aparecem por isso associados a menores comportamentos sexuais de risco e menores problemas de saúde mental (Huebner & Howeel, 2003). No mesmo sentido vão os resultados obtidos num estudo desenvolvido por Borawski e seus colaboradores em 2003, onde se pôde observar que a monitorização parental associada à confiança bem como à supervisão surge como factor de protecção nos comportamentos de risco na adolescência.

Nos estudos desenvolvidos por Van Der Vorst (Van Der Vorst, et al 2005; Van Der Vorst, Engels, Meeus, & Dekovi, 2006) pôde-se observar que o consumo de álcool nos adolescentes está inversamente associado à monitorização parental. O mesmo foi observado num estudo desenvolvido por Miller e Plant em 2010 com uma amostra constituída por 2179 adolescentes com 15 e 16 anos. Num outro estudo com 1279 jovens com idades compreendidas entre os 13 e 16 anos observou-se, igualmente, que a monitorização parental tem um papel protector no consumo de substâncias e nos comportamentos sexuais de risco (Rai et al, 2003).

Em geral, o envolvimento parental que engloba interacção com o jovem, monitorização do jovem e preocupação com o jovem tem demonstrado ser protector relativamente ao envolvimento em comportamentos de risco (Hindelang, Dwyer, & Leeming, 2001).

Quando comparados os géneros relativamente às diferenças entre a monitorização percebida, vários estudos têm demonstrado existirem diferenças. Borawski, Landis, Lovegreen, e Traple (2003) verificaram que quanto menos supervisão os pais fazem das actividades dos filhos, maior a probabilidade de envolvimento em comportamentos de risco. Os autores verificaram que nos rapazes a monitorização parental encontrava-se associada ao menor consumo de álcool e maior utilização do preservativo, enquanto para as raparigas a monitorização parental não afectava o seu comportamento. Já a percepção de confiança parental estava associada a comportamentos sexuais protectores, menor consumo de tabaco e haxixe, nas raparigas e menor consumo de álcool para os rapazes. Os mesmos autores referem que a confiança estabelecida entre as adolescentes e seus pais tem um papel dissuasor de comportamentos de risco, mas parece ter pouco efeito quando os jovens são do sexo masculino.

Com o objectivo de estudar o efeito da monitorização parental percebida nos comportamentos de risco e com uma amostra de 323 adolescentes chineses do 7º, 8º e 9º ano de escolaridade, os autores deste estudo observaram que no geral são as raparigas e os mais novos que apresentam maiores índices de monitorização percebida, quando comparadas com os rapazes e jovens mais velhos. Também

se pôde observar que a monitorização parental percebida está correlacionada positivamente com o desempenho académico, e expectativa e negativamente associada ao consumo de tabaco, violência escolar, delinquência e o consumo de álcool (Li, et al, 2003).

Ainda associado à monitorização parental, surge a satisfação com a relação que os jovens mantêm com os seus pais, como factor de protecção relativamente aos comportamentos de risco. O estudo ESPAD (The European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs) em 1999 vem confirmar isso mesmo, ao demonstrar que o conhecimento dos pais acerca de onde estão os seus filhos ao sábado à noite surge como o melhor predictor de um menor consumo de bebidas alcoólicas e outras substâncias nos jovens Ingleses e Franceses de 15 e 16 bem como uma maior satisfação com os pais (Ledoux, Miller, Chouquet, & Plant, 2002). Com o objectivo de explorar a relação entre a monitorização parental, satisfação com a relação com os pais e o consumo de bebidas alcoólicas, os autores deste estudo (Grossrau-Breen, Kuntsche, & Gmel, 2010), observaram que os jovens que referem ter monitorização por parte dos pais e que estão satisfeitos com a relação que têm com os seus pais apresentam menores índices de consumo de bebidas alcoólicas e embriaguez.

A satisfação com a vida bem como os sintomas físicos e psicológicos são outros factores importantes em ter em conta na adolescência. O grupo de pares e a relação com a escola surgem igualmente como factores indissociáveis à adolescência.

O processo de socialização e o suporte social (família e pares) representam factores preponderantes para um desenvolvimento saudável do jovem, no entanto estes podem surgir como factores protectores mas, também de risco.

A família parece ter impacto no bem-estar dos jovens. Uma boa comunicação, uma relação segura e o fazer actividades em conjunto faz com que os jovens apresentem um maior bem-estar (Joronen & Astedt-Kurti, 2005). Relativamente aos sintomas psicológicos, uma boa relação com a família e com o grupo de pares surge como factor protector no que se refere ao aparecimento de sintomas psicológicos (Scharf, Mayseless, & Kivenson, 2004).

Como foi referido anteriormente, além da família, a escola também surge como um factor que influencia o desenvolvimento do adolescente. A escola poderá influenciar o bem-estar e a satisfação com a escola e consequentemente o desempenho académico (Karademas, Peppas, Fotiou & Kokkevi, 2008; Van Ryzin, Gravely, & Roseth, 2009; Creed, Mueller, & Patton, 2003). Com o objectivo de examinar a correlação existente entre a escola, comunicação com a família e a satisfação com a vida, e com uma amostra de 881 jovens com idades compreendidas entre os 14 e 20 anos, observou-se que falar com os pais sobre os seus problemas surge como factor protector. Pôde-se igualmente verificar que os jovens que referiram estar felizes com a escola era jovens com um maior bem-estar. Observou-se no entanto existirem diferenças entre os géneros. Enquanto os rapazes referem ser mais felizes com o suporte familiar, as raparigas apresentam

uma maior satisfação com a vida associado com a quantidade de amigos e aceitação dos valores parentais (Piko & Hamvai, 2010)

Os pais são um importante recurso para o desenvolvimento emocional dos adolescentes, ajudam a explorar os contextos sociais e formar amizades mais próximas. As relações sociais positivas, dentro e fora da família, favorecem as experiências positivas e o desenvolvimento saudável dos adolescentes (Wilkinson, 2010).

Assim, a monitorização ao longo da adolescência, parece sofrer alterações podendo actuar de forma diferenciada entre rapazes e raparigas. A facilidade em comunicar com os pais na vida poderá moderar essa influência.

O objectivo do presente estudo é analisar se os adolescentes que possuem uma maior monitorização por parte dos pais apresentam uma maior satisfação com a vida e família, são mais felizes, gostam mais da escola, apresentam menos sintomas físicos e psicológicos e apresentam menos comportamentos de risco, por outro lado pretende-se analisar se os jovens que apresentam uma menor monitorização por parte dos pais são aqueles que estão menos satisfeitos com a vida e com a família, são mais infelizes, não gostam da escola, têm mais sintomas físicos e psicológicos e apresentam mais comportamentos de risco (consumo de substâncias e violência) Se essa tendência se verificar, analisar se a facilidade em comunicar com os pais poderá moderar a esta relação e surgir como factor protector.

Metodologia

Amostra

A amostra utilizada neste estudo é constituída pelos sujeitos participantes no estudo Português realizado em Portugal Continental em 2010, parte integrante do estudo Europeu HBSC – Health Behaviour in School-Aged Children (www.hbsc.org; www.fmh.utl.pt/aventurasocial; www.aventura-social.com).

O estudo HBSC iniciou-se em 1982 através de uma equipa de investigadores da Finlândia, Noruega e Inglaterra e desde 1985/86 é realizado de 4 em 4 anos. O primeiro estudo português realizou-se em 1998. Ao longo dos anos o estudo foi crescendo e actualmente conta com a participação de 44 países Europeus e da América do Norte, em colaboração com a Organização Mundial de Saúde (Roberts et al., 2007). O estudo tem como objectivo conseguir uma nova e maior compreensão do comportamento de saúde dos adolescentes, saúde e bem-estar no seu contexto social, através da recolha de dados que permitam comparações nacionais e internacionais, de forma a alcançar este objectivo (Roberts et al., 2007).

O estudo Português incluiu alunos dos 6º, 8º e 10º anos do ensino público regular com média de idades de 14 anos (DP=1.85). A amostra nacional consistiu em 5050 estudantes de 256 turmas, de 125 escolas Portuguesas escolhidas

aleatoriamente, da lista do Ministério de Educação, representativa dos referidos anos de escolaridade e estratificada por regiões de Educação Regional, em que 52.3% eram raparigas e 47.7% rapazes, e foram distribuídos da seguinte forma: 30.8% no 6º ano de escolaridade, 31.6% no 8º ano de escolaridade e 37.6% no 10º ano de escolaridade. A taxa de resposta foi de 89.9% para escolas. Pelo facto de se pretender utilizar a variável que avalia a monitorização parental e ter sido aplicada apenas ao 8º e 10º ano de escolaridade, utilizou-se a amostra parcial constituída por 3494 jovens com uma média de idades de 14.94 (DP=1.30).

Procedimento

A unidade de análise usada neste estudo foi a turma. Em cada escola as turmas foram seleccionadas aleatoriamente a fim de se encontrar o número requerido de alunos para cada turma, que era proporcional ao número dos mesmos fornecidos pelo Ministério da Educação. Os professores administraram os questionários na sala de aula. A participação dos alunos era voluntária. O estudo ocorreu em Janeiro de 2010. Este estudo foi aprovado pelo comité científico, o comité nacional de ética, e a comissão nacional de protecção de dados

Medidas e Variáveis

Na recolha de dados utilizou-se o questionário HBSC (Health Behaviour in School-Aged Children) 2010, segundo o respectivo protocolo. Entre outros, este questionário faculta informação sobre os dados demográficos, sobre os indicadores de bem-estar (qualidade de vida relacionada com a saúde, felicidade e satisfação com a vida) e sobre a relação com os pares e família (Currie, Samdal, Boyce, & Smith, 2001). Neste estudo foram utilizadas variáveis associadas à relação dos adolescentes com a família, satisfação com a vida, felicidade, ambiente escolar, sintomas físicos e psicológicos, comportamentos de risco e violência (ver tabela 1).

Tabela 1. Itens do estudo.

	Itens	Opções de resposta
Comunicação	Com que à vontade te sentes para falar sobre temas que te interessam com: mãe pai	Muito fácil Fácil Difícil Muito difícil
Monitorização	O que é que os teus pais sabem realmente sobre : Quem são os teus amigos. Como é que tu gastas o teu dinheiro. Onde estas depois da escola. Onde vais sair à noite. O que tu fazes com o teu tempo livre.	Sabem muito Sabem um pouco Não sabem nada Não tenho/não vejo
Bullying	Nos últimos 30 dias, quantos dias andaste com um arma 8navalha ou pistola)	Não andei 1 dia 2 ou 3 dias 4 ou 5 dias 6 ou mais dias
	Quantas vezes tomaste parte em provocações na escola a outro(s) aluno(s), nos últimos 2 meses?	Não provoqueei 1-3 vezes Diversas vezes
Escola	Actualmente, o que sentes pela escola?	Gosto muito Gosto mais ou menos Não gosto muito Não gosto nada
Embriagado	Já alguma vez ficaste embriagado?	Não, nunca Sim, uma vez Sim, 2-10 vezes Sim, mais de 10 vezes
Tabaco	Quantas vezes fumas tabaco?	Todos os dias Uma vez por semana ou menos Eu não fumo
Drogas ilegais	Quantas vezes consumiste drogas ilegais no último mês?	Nenhuma Uma vez Mais do que uma vez Consumo regularmente
Sintomas físicos e psicológicos	Nos últimos 6 meses, com que frequência sentiste o seguinte: a) dores de cabeça; b) dores de estômago; c) dores de costas; d) estar triste/deprimido; e) estar irritado e de mau humor; f) estar nervoso; g) dificuldades em adormecer; h) tonturas; i) dor de pescoço e ombros, j) medo; l) cansaço e exaustão	Quase todos os dias Mais do que uma vez por semana Quase todos os meses Raramente ou nunca
Felicidade	No geral, como te sentes presentemente em relação à vida?	Feliz Infeliz
Relação com a família	"10" representa muito boa relação com a família e "0" muito má relação com a família. Neste momento, onde achas que te situas na escada?	10 -muito boa relação ... 0 - muito má relação
Satisfação com a vida	"10" representa a melhor vida possível para ti "0" representa a pior vida possível para ti. Neste momento, onde achas que te situas na escada?	10 - melhor vida possível ... 0 - pior vida possível

Surgiram algumas variáveis recodificadas: a variável felicidade foi recodificada em feliz e infeliz; variável escola foi recodificada em gosto da escola não gosto da escola e a variável comunicação com os pais foi recodificada em comunicação fácil e comunicação difícil.

Os sintomas físicos e psicológicos foram submetidos a uma análise factorial (KMO = .876 e foram encontrados dois factores com uma variância explicada de 49.78%. O primeiro factor, sintomas físicos, é definido pelas variáveis: dores de cabeça, dores de estômago, dores nas costas, dores de pescoço, tonturas e cansaço, com um $\alpha = .67$. O Segundo factor, sintomas psicológicos, é composto pelos itens: triste ou deprimido, irritado, nervoso, dificuldades em dormir e medo, com um $\alpha = .71$.

Para avaliar os comportamentos de risco, foi criada uma escala constituída por três itens (Já alguma vez ficaste embriagado?, Quantas vezes fumas tabaco? Quantas vezes consumiste drogas ilegais no último mês?) com um $\alpha = .67$.

A violência foi avaliada através de uma escala constituída por três itens (Quantas vezes tomaste parte em provocações a outro(s) aluno(s), nos últimos 2 meses?, Nos últimos 12 meses, quantas vezes estiveste envolvido numa luta? e Nos últimos 30 dias, quantos dias andaste com uma arma?) com um $\alpha = .53$.

Utilizou-se ainda uma escala de monitorização parental, constituída por cinco itens, com opção de resposta “sabem alguma coisa e não sabem nada”, com um $\alpha = .84$. A escala foi dividida em muita monitorização e pouca monitorização, através da análise dos percentis, para ir ao encontro do objectivo proposto no presente estudo.

A variável independente no presente estudo é a monitorização parental. A variável da comunicação foi introduzida como variável moderadora. As restantes variáveis utilizadas foram variáveis dependentes

Análise de Dados

Foram realizadas análises descritivas das medidas foram examinadas, bem como as diferenças entre os grupos através do χ^2 e Anova. O efeito moderador da variável comunicação foi medido através de um conjunto de Análises de Variância Univariada Análise de Variância Univariada (GLM).

Resultados

Pelo facto de se pretender utilizar a variável que avalia a monitorização parental e ter sido aplicada apenas ao 8º e 10º ano de escolaridade, utilizou-se assim a amostra parcial constituída por 3494 jovens com uma média de idades de 14.94.

Os dois grupos da monitorização ficaram constituídos pelos jovens que referem que os pais sabem muito N= 1414 (47.4%) e os pais não sabem nada N= 1572 (52.6%).

Com o objectivo de verificar a diferença entre os grupos para a monitorização e utilizando o teste Chi-Square, observa-se que os jovens do 8º ano referem mais frequentemente ter monitorização por parte dos pais ($\chi^2=9.509(1)$, $p \leq .05$, 50.5%). Ao longo da idade a monitorização parental diminui ($\chi^2=9.509(1)$, $p \leq .05$, 44.9%). Quando comparados os géneros, verifica-se que as raparigas referem ter uma maior monitorização parental ($\chi^2=10.523(1)$, $p \leq .001$, 50.1%), quando comparadas com os rapazes ($\chi^2=10.523(1)$, $p \leq .001$, 44.1%).

Por outro lado, os jovens que referem ser felizes apresentam uma maior monitorização parental ($\chi^2=62.161(1)$, $p \leq .001$, 88.8%) quando comparados com os que referem estar infelizes ($\chi^2=62.161(1)$, $p \leq .001$, 12.0%).

Para a comunicação com os pais, os jovens que referem ter facilidade em comunicar com os pais são os que apresentam uma maior monitorização por parte dos pais. Os jovens que referem mais frequentemente ter dificuldade em comunicar com os pais, são também os que referem ter pouca monitorização parental.

Para o gosto pela escola, observa-se que os jovens que não gostam da escola, referem ter menos monitorização parental ($\chi^2=31.100(1)$, $p \leq .001$, 29.6%) (ver tabela 2).

Tabela 2. Diferenças entre a monitorização parental e o género, ano de escolaridade, felicidade, comunicação e o gosto pela escola.

		Sabem muito		Não sabem nada		χ^2	gl
		N	%	N	%		
Género	Rapazes	599	44.1	759	55.9	10.523***	1
	Raparigas	815	50.1	813	49.9		
Ano de escolaridade	8º Ano	664	50.5	650	49.5	9.509**	1
	10º Ano	750	44.9	922	55.1		
Felicidade	Feliz	1237	88.0	1204	76.9	62.161***	1
	Infeliz	169	12.0	362	23.1		
Comunicação	Fácil comunicar Mãe	1131	83.8	1040	71.0	64.660***	1
	Difícil comunicar mãe	219	16.2	424	29.0		
	Fácil comunicar pai	795	61.6	690	48.8		
	Difícil comunicar pai	496	38.4	723	51.2		
Escola	Gostar escola	1121	79.3	1103	70.4	31.00***	1
	Não gostar escola	292	20.7	463	29.6		

** , $p \leq .01$; *** $p \leq .001$

Relativamente à análise ANOVA, para alguns resultados, nomeadamente os relação com a família, sintomas psicológicos, violência e consumo de substâncias, verificou-se através do teste da homogeneidade das variâncias, que os grupos não cumprem o pressuposto das variâncias iguais e não se distribuem

igualmente, dessa forma optou-se por utilizar os índices de ajustamento do teste robusto Brow-Forsythe.

Observou-se que os jovens que têm maior monitorização parental referem ter uma boa relação com a família ($F(1, 2843.471)=241.617, p\leq.001$) ($M=8.85$; $DP=1.56$), menos sintomas psicológicos ($F(1, 2912.910)=22.252, p\leq.001$) ($M=14.22$; $DP=1.56$) e uma maior satisfação com a vida ($F(1, 2935)=61.668, p\leq.001$) ($M=7.50$; $DP=1.69$).

Os jovens que referem ter pouca monitorização parental são os que são mais violentos ($F(1, 2879.589)=34.700, p\leq.001$) ($M=4.327$; $DP=2.00$) e consomem mais substâncias ($F(1, 2758.434)=58.482, p\leq.001$) ($M=4.273$; $DP=2.16$). Relativamente aos sintomas físicos os resultados não foram significativos. (ver tabela 3).

Tabela 3. Diferenças entre a monitorização parental e a satisfação com a família, satisfação com a vida, sintomas físicos e psicológicos, violência e consumo de substâncias

	Sabem muito			Não sabem nada			F	p
	N	M	DP	N	M	DP		
Satisfação com a família	1402	8.85	1.562	1538	7.81	2.064	241.617a	.000
Satisfação com a vida	1398	7.50	1.692	1538	7.00	1.736	61.668	.000
Sintomas Psicológicos	1384	14.223	1.538	1542	13.930	1.824	22.252a	.000
Sintomas Físicos	1388	17.032	1.691	1540	16.957	1.767	1.354	.244
Violência	1371	3.926	1.664	1527	4.327	1.999	34.700a	.000
Consumo de Substâncias	1362	3.732	1.608	1500	4.273	2.156	58.482a	.000

a Brown-Forsythe

A análise de regressão linear múltipla pelo método stepwise, efectuada com o objectivo de analisar as variáveis preditoras do consumo de substâncias, violência, sintomas físicos, sintomas psicológicos, felicidade e o gosto pela escola tendo como variáveis independentes o género, ano de escolaridade, monitorização parental, comunicação com os pais, satisfação com a vida e relação com a família. Quando temos o consumo de substâncias como variável dependente observa-se a existência de quatro variáveis preditoras: ano de escolaridade, monitorização parental, relação com a família e o género. No total estas variáveis explicam 7.7% ($R^2_{aju}=.077$; Erro= 1.831; $F(4,2442)=52.128$; $p\leq.001$. São os jovens mais velhos, os

que têm pouca monitorização parental, os que consideram ter uma má relação com a família e os rapazes os que apresentam maior probabilidade de consumir substâncias

Ao realizar o mesmo tipo de análise mas tendo a variável violência como variável dependente, surgem como variáveis preditoras o género, a relação com a família, o ano de escolaridade a monitorização parental e satisfação com a vida. No total estas variáveis explicam 8.6% ($R^2_{aju}=.077$; Erro= 1.7923; $F(5,2464)=47.230$; $p\leq.001$). Os jovens mais violentos são: os rapazes, os que tem má relação com a família, os do 8º ano de escolaridade, os que têm pouca monitorização parental e os que estão pouco satisfeitos com a vida.

No que diz respeito aos sintomas físicos, observa-se que surgem como variáveis preditoras a satisfação com a vida, o género, a relação com a família, o ano de escolaridade e a comunicação com o pai. No total estas variáveis explicam 12.0% ($R^2_{aju}=.120$; Erro= 3.98160; $F(5,2494)=69.162$; $p\leq.001$). Os jovens que apresentam mais sintomas físicos são. os jovens menos satisfeitos com a vida, as raparigas, os que têm má relação com a família, os do 10º ano e os que têm dificuldade em comunicar com o pai.

Surgem como variáveis preditoras dos sintomas psicológicos a satisfação com a vida, o género, a comunicação com o pai, a relação com a família, a monitorização parental e o ano de escolaridade. No total estas variáveis explicam 20.5% ($R^2_{aju}=.205$; Erro= 3.6819; $F(6,2492)=107.815$; $p\leq.001$). São os jovens menos satisfeitos com a vida, as raparigas, os que têm dificuldade em comunicar com o pai, os que referem que têm má relação com a família, pouca monitorização parental e os mais velhos que apresentam mais sintomas psicológicos.

Relativamente á felicidade, surgem como variáveis preditoras a satisfação com a vida, a relação com a família, a monitorização parental e a comunicação com o pai. No total estas variáveis explicam 21.8% ($R^2_{aju}=.218$; Erro= .578; $F(4,2523)=176.364$; $p\leq.001$). Os jovens mais felizes, são os jovens mais satisfeitos com a vida, os que têm melhor relação com a família, que têm mais monitorização parental e os que têm facilidade em comunicar com o pai.

Relativamente ao gosto pela escola, surgem como variáveis preditoras a satisfação com a vida, o género, a monitorização parental, ano de escolaridade e comunicação com a mãe. Estas variáveis explicam no total 5.9% ($R^2_{aju}=.059$; Erro= .4203; $F(5,2529)=32.489$; $p\leq.001$). Os jovens que gostam mais da escola, são: os mais satisfeitos com a vida, as raparigas, os que têm monitorização parental, os mais velhos e os que têm facilidade em comunicar com a mãe.

Para verificar em que medida a comunicação com os pais funciona como moderador entre a monitorização e a satisfação com a vida e família, felicidade, escola, sintomas físicos e psicológicos e os comportamentos de risco realizou-se um conjunto de análises de variância univariada a dois factores. A monitorização parental esteve presente em todas as análises bem como a comunicação parental que foi inserida como variável moderadora em todas as análises. As variáveis categoriais (felicidade e gosto pela escola) foram estandardizadas através do Zscore.

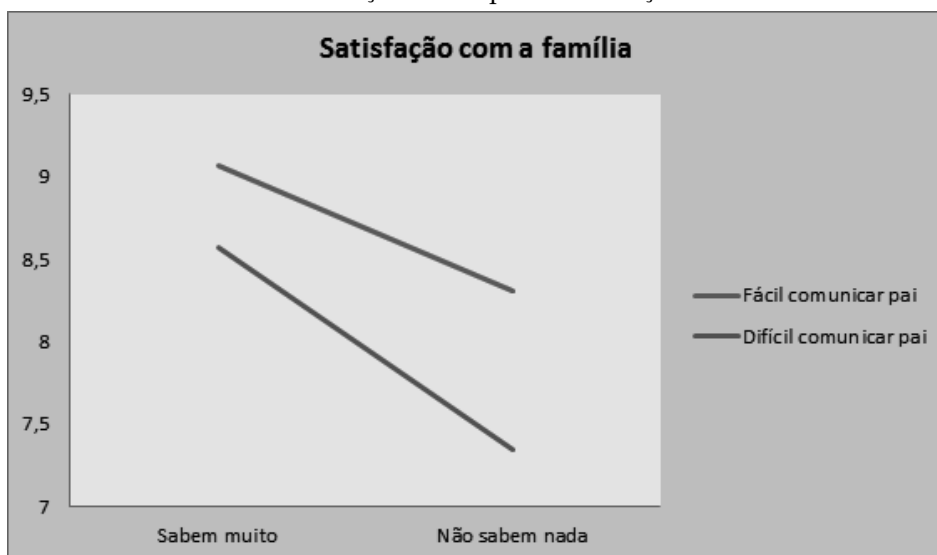
A primeira análise, que procurou verificar o efeito moderador da comunicação com o pai, na relação entre a monitorização parental e a satisfação com a vida, mostrou um efeito principal da comunicação com o pai ($F(1, 2658) = 153.576, p \leq .001$) e da monitorização ($F(1, 2658) = 38.982, p \leq .001$). O efeito principal da comunicação com o pai mostra que existem diferenças ao nível da satisfação com a vida: os adolescentes com facilidade em comunicar com o pai apresentam maior satisfação com a vida ($M = 7.65, DP = 1.60$) quando comparados com os jovens que apresentam dificuldade em comunicar com o pai ($M = 6.79, DP = 1.74$). O efeito principal da monitorização mostra que existem diferenças ao nível da satisfação com a vida. Os adolescentes que têm maior monitorização parental são os que estão mais satisfeitos com a vida ($M = 7.53, DP = 1.68$), em comparação com os jovens com menores índices de monitorização ($M = 7.02, DP = 1.72$). A interacção entre a comunicação com o pai e a monitorização não foi significativa ($F(1, 2658) = 0.041, p = .839$).

Ao realizar uma análise com o objectivo de verificar o efeito moderador da comunicação com a mãe, na relação entre a monitorização parental e a satisfação com a vida, mostrou um efeito principal da comunicação com a mãe ($F(1, 2769) = 81.038, p \leq .001$) e da monitorização ($F(1, 2769) = 21.768, p \leq .001$). O efeito principal da comunicação com a mãe mostra que existem diferenças ao nível da satisfação com a vida: os jovens com facilidade em comunicar com a mãe, são os que estão mais satisfeitos com a vida ($M = 7.42, DP = 1.68$), os jovens que referem ter dificuldade em comunicar com a mãe apresentam menores índices de satisfação com a vida ($M = 6.65, DP = 1.76$). O efeito principal da monitorização mostra que existem diferenças ao nível da satisfação com a vida: os adolescentes que têm maior monitorização parental são os que estão mais satisfeitos com a vida ($M = 7.51, DP = 1.67$). Os adolescentes que apresentam menor monitorização parental são os menos satisfeitos com a vida ($M = 7.00, DP = 1.75$). A interacção entre a comunicação com a mãe e a monitorização não foi significativa ($F(1, 2769) = 1.171, p = .279$).

A segunda análise, que procurou verificar o efeito moderador da comunicação com o pai, na relação entre a monitorização e a satisfação com a família, mostrou um efeito principal da comunicação com o pai ($F(1, 2663) = 106.652, p \leq .001$) e da monitorização ($F(1, 2663) = 197.466, p \leq .001$). O efeito principal da comunicação com o pai mostra que existem diferenças ao nível da satisfação com a família: os adolescentes que apresentam facilidade em comunicar com o pai apresentam maior satisfação com a família ($M = 8.72, DP = 1.70$) em relação aos jovens que têm dificuldade em comunicar com o pai ($M = 7.85, DP = 2.03$). Os adolescentes que têm maiores índices de monitorização parental são os que estão mais satisfeitos com a família ($M = 8.88, DP = 1.55$) em comparação com os que apresentam pouca monitorização parental ($M = 7.81, DP = 2.06$). Estes efeitos principais foram qualificados por uma interacção significativa entre os dois factores em estudo ($F(1, 2663) = 10.657, p \leq .001$). Os adolescentes com facilidade em comunicar com o pai e com monitorização parental estão mais satisfeitos com a família ($M = 9.07, DP = 1.392$) quando comparados com os jovens que têm facilidade em comunicar

com o pai mas, apresentam menor monitorização parental ($M= 8.31$, $DP=1.934$). Os adolescentes que têm dificuldade em comunicar com o pai mas têm monitorização parental estão mais satisfeitos com a família ($M= 8.57$, $DP=1.733$) quando comparados com os jovens que referem ter dificuldade em comunicar com pai e pouca monitorização parental ($M= 7.35$, $DP=2.076$). (Ver gráfico 1)

Gráfico 1 - Efeito da comunicação com o pai na satisfação com a família.

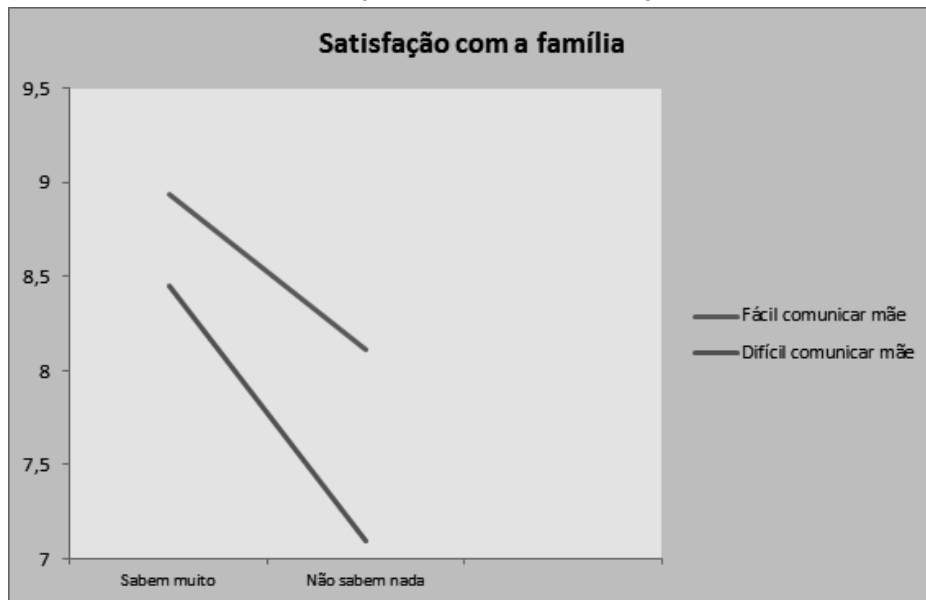


Ao analisar o efeito moderador da comunicação com a mãe, na relação entre a monitorização parental e a satisfação com a família, mostrou um efeito principal da comunicação com a mãe ($F(1, 2772)= 79.591$, $p\leq.001$) e da monitorização ($F(1, 2772)= 166.779$, $p\leq.001$).

O efeito principal da comunicação com a mãe mostra que existem diferenças ao nível da satisfação com a família: os adolescentes que apresentam facilidade em comunicar com a mãe apresentam maior satisfação com a família ($M= 8.55$, $DP=1.72$) em relação aos jovens que têm dificuldade em comunicar com a mãe ($M= 7.56$, $DP=2.27$). Os adolescentes que têm maiores índices de monitorização parental são os que estão mais satisfeitos com a família ($M= 8.87$, $DP=1.55$) quando comparados com os jovens que apresentam pouca monitorização parental ($M= 7.82$, $DP=2.05$). Estes efeitos principais foram qualificados por uma interação significativa entre os dois factores em estudo ($F(1, 2772) = 9.557$, $p<.01$). Os adolescentes com facilidade em comunicar com a mãe e com monitorização parental estão mais satisfeitos com a família ($M= 8.94$, $DP=1.45$) quando comparados com os jovens que têm facilidade em comunicar com a mãe mas apresentam menores índices de monitorização parental ($M= 8.11$, $DP=1.87$). Os adolescentes que têm dificuldade em comunicar com a mãe mas têm

monitorização parental estão mais satisfeitos com a família ($M= 8.45$, $DP=1.92$) quando comparados com os jovens que referem ter dificuldade em comunicar com a mãe e pouca monitorização parental ($M= 7.10$, $DP=2.29$) (ver gráfico 2).

Gráfico 2 - Efeito da comunicação com a mãe na satisfação com a família



A terceira análise, que procurou verificar o efeito moderador da comunicação com o pai, na relação entre a monitorização parental e a felicidade, mostrou um efeito principal da comunicação com o pai ($F(1, 2692)= 82.965$, $p\leq.001$) e da monitorização ($F(1, 2692)= 81.299$, $p\leq.001$). O efeito principal da comunicação com o pai mostra que existem diferenças ao nível da felicidade: os adolescentes com facilidade em comunicar com o pai são mais felizes ($M=.04$, $DP=.91$) em comparação com os jovens que apresentam dificuldade em comunicar com o pai ($M= -.33$, $DP=.96$). O efeito principal da monitorização mostra que existem diferenças ao nível da felicidade. Os adolescentes que têm maior monitorização parental são os mais felizes ($M=.07$, $DP=.92$) em relação aos jovens com pouca monitorização ($M= -.30$, $DP= .95$). A interação entre a comunicação com o pai e a monitorização não foi significativa ($F(1, 2692)= 0.003$, $p=.761$).

Ao verificar o efeito moderador da comunicação com a mãe, na relação entre a monitorização parental e a felicidade, observa-se um efeito principal da comunicação com a mãe ($F(1, 2800)= 29.873$, $p\leq.001$) e da monitorização parental ($F(1, 2800)= 50.023$, $p\leq.001$). O efeito principal da comunicação com a mãe mostra que existem diferenças ao nível da felicidade: os adolescentes com facilidade em comunicar com a mãe são mais felizes ($M= -.07$, $DP=.94$) em comparação com os

jovens que apresentam dificuldade em comunicar com a mãe ($M = -.36$, $DP = .97$). O efeito principal da monitorização mostra que existem diferenças ao nível da felicidade. Os adolescentes que têm maior monitorização parental são os mais felizes ($M = .05$, $DP = .92$) em relação aos jovens com pouca monitorização ($M = -.30$, $DP = .95$). A interacção entre a comunicação com a mãe e a monitorização não foi significativa ($F(1, 2800) = 0.160$, $p = .689$).

A quarta análise, que procurou verificar o efeito moderador da comunicação com o pai, na relação entre a monitorização parental e o gosto pela escola, mostrou um efeito principal da comunicação com o pai ($F(1, 2699) = 13.074$, $p \leq .001$) e da monitorização ($F(1, 2699) = 40.627$, $p \leq .001$). O efeito principal da comunicação com o pai mostra que existem diferenças ao nível do gosto pela escola: os adolescentes com facilidade em comunicar com o pai gostam mais da escola ($M = .01$, $DP = .97$) quando comparados com os jovens que têm dificuldade em comunicar com o pai ($M = -.16$, $DP = 1.00$). O efeito principal da monitorização mostra que existem diferenças ao nível do gosto pela escola. Os jovens que têm maior monitorização por parte dos pais são os que referem que gostam da escola ($M = .07$, $DP = 0.95$). Os jovens que apresentam menos monitorização parental gostam menos da escola ($M = -.192$, $DP = 1.00$). A interacção entre a comunicação com o pai e a monitorização não foi significativa ($F(1, 2699) = 0.268$, $p = .605$).

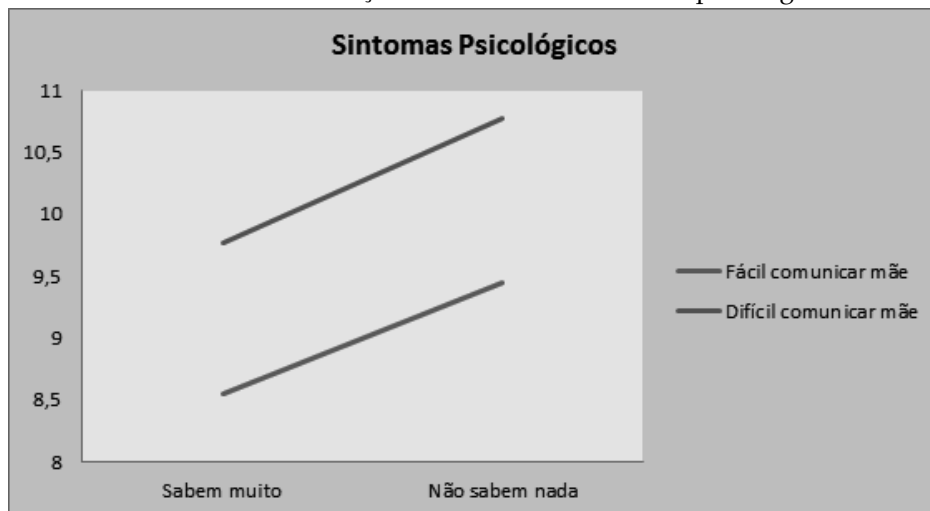
Ao verificar o efeito moderador da comunicação com a mãe, na relação entre a monitorização parental e o gosto pela escola, observa-se um efeito principal da comunicação com a mãe ($F(1, 2808) = 12.346$, $p \leq .001$) e da monitorização parental ($F(1, 2808) = 19.052$, $p \leq .001$). O efeito principal da comunicação com a mãe mostra que existem diferenças ao nível do gosto pela escola: os adolescentes com facilidade em comunicar com a mãe gostam mais da escola ($M = -.02$, $DP = 0.97$) quando comparados com os jovens que têm dificuldade em comunicar com a mãe ($M = -.21$, $DP = 1.03$). O efeito principal da monitorização mostra que existem diferenças ao nível do gosto pela escola. Os jovens que têm maior monitorização por parte dos pais são os que referem que gostam da escola ($M = .07$, $DP = .95$). Os jovens que apresentam menos monitorização parental gostam menos da escola ($M = -.19$, $DP = 1.00$). A interacção entre a comunicação com o pai e a monitorização não foi significativa ($F(1, 2808) = 1.886$, $p = .170$).

A quinta análise, que procurou verificar o efeito moderador da comunicação com o pai, na relação entre a monitorização parental e os sintomas psicológicos, mostrou um efeito principal da comunicação com o pai ($F(1, 2652) = 163.316$, $p \leq .001$) e da monitorização ($F(1, 2652) = 28.032$, $p \leq .001$). O efeito principal da comunicação com o pai mostra que existem diferenças ao nível dos sintomas psicológicos: os adolescentes com facilidade em comunicar com o pai apresentam menos sintomas psicológicos ($M = 8.31$, $DP = 3.57$), quando comparados com os jovens que apresentam dificuldade em comunicar com o pai ($M = 10.43$, $DP = 4.45$) que apresentam mais sintomas psicológicos. O efeito principal da monitorização mostra que existem diferenças ao nível dos sintomas psicológicos. Os jovens que têm maior monitorização por parte dos pais são os que referem menos sintomas

psicológicos ($M= 8.72$, $DP=3.85$). Os jovens que apresentam menores índices de monitorização parental referem ter mais sintomas psicológicos ($M= 9.77$, $DP=4.31$). A interação entre a comunicação com o pai e a monitorização não foi significativa ($F(1, 2652) = 2.107$, $p=.147$).

Ao analisar o efeito moderador da comunicação com a mãe, na relação entre a monitorização parental e os sintomas psicológicos, mostrou um efeito principal da comunicação com a mãe ($F(1, 2762)= 43.738$, $p<.05$) e da monitorização ($F(1, 2762)= 24.473$, $p<.01$). O efeito principal da comunicação com a mãe mostra que existem diferenças ao nível dos sintomas psicológicos: os adolescentes que apresentam facilidade em comunicar com a mãe apresentam menos sintomas psicológicos ($M= 8.98$, $DP=4.02$) em relação aos jovens que têm dificuldade em comunicar com a mãe ($M= 10.43$, $DP=4.31$). Os adolescentes que têm maiores índices de monitorização parental são os que apresentam menos sintomas psicológicos ($M= 8.75$, $DP=3.85$) quando comparados com os jovens que apresentam pouca monitorização parental ($M= 9.83$, $DP=4.32$). Estes efeitos principais foram qualificados por uma interação significativa entre os dois factores em estudo ($F(1, 2762)= 0.063$, $p\leq.001$). Os adolescentes com facilidade em comunicar com a mãe e com monitorização parental apresentam menos sintomas psicológicos ($M= 8.55$, $DP=3.80$) quando comparados com os jovens que têm facilidade em comunicar com a mãe mas, apresentam menores índices de monitorização parental ($M= 9.45$, $DP=4.20$). Os adolescentes que têm dificuldade em comunicar com a mãe mas têm monitorização parental apresentam menos sintomas psicológicos ($M= 9.77$, $DP=3.913$) quando comparados com os jovens que referem ter dificuldade em comunicar com a mãe e pouca monitorização parental ($M= 10.77$, $DP=4.47$) (ver gráfico 3).

Gráfico 3 - Efeito da comunicação com a mãe nos sintomas psicológicos.



A sexta análise, que procurou verificar o efeito moderador da comunicação com o pai, na relação entre a monitorização parental e os sintomas físicos, mostrou um efeito principal da comunicação com o pai ($F(1, 2655) = 79.012, p \leq .001$) e da monitorização ($F(1, 2655) = 7.554, p < .01$). O efeito principal da comunicação com o pai mostra que existem diferenças ao nível dos sintomas físicos: os adolescentes com facilidade em comunicar com o pai apresentam menos sintomas físicos ($M = 9.68, DP = 3.87$), quando comparados com os jovens que apresentam dificuldade em comunicar com o pai ($M = 11.20, DP = 4.54$) que apresentam mais sintomas físicos. O efeito principal da monitorização mostra que existem diferenças ao nível dos sintomas físicos. Os jovens que têm maior monitorização por parte dos pais são os que referem menos sintomas físicos ($M = 10.03, DP = 4.13$). Os jovens que têm menores índices de monitorização parental referem ter mais sintomas físicos ($M = 10.67, DP = 4.34$). A interação entre a comunicação com o pai e a monitorização não foi significativa ($F(1, 2655) = 0.026, p = .871$).

Ao verificar o efeito moderador da comunicação com a mãe, na relação entre a monitorização parental e os sintomas físicos, observa-se um efeito principal da comunicação com a mãe ($F(1, 2763) = 16.910, p \leq .001$) e da monitorização parental ($F(1, 2763) = 7.967, p < .01$). O efeito principal da comunicação com a mãe mostra que existem diferenças ao nível dos sintomas físicos: os adolescentes com facilidade em comunicar com a mãe apresentam menos sintomas físicos ($M = 10.19, DP = 4.15$) quando comparados com os jovens que têm dificuldade em comunicar com a mãe ($M = 11.12, DP = 4.63$). O efeito principal da monitorização mostra que existem diferenças ao nível dos sintomas físicos. Os jovens que têm maior monitorização por parte dos pais são os que apresentam menos sintomas físicos ($M = 10.06, DP = 4.11$). Os jovens que apresentam menos monitorização parental apresentam mais sintomas físicos ($M = 10.72, DP = 4.42$). A interação entre a comunicação com o pai e a monitorização não foi significativa ($F(1, 2763) = 0.006, p = .937$).

A sétima análise, que procurou verificar o efeito moderador da comunicação com o pai, na relação entre a monitorização parental e o consumo de substâncias, mostrou um efeito principal da monitorização parental ($F(1, 2603) = 54.290, p \leq .001$). O efeito principal da comunicação com o pai não foi significativo ($F(1, 2603) = 0.981, p = .322$). O efeito principal da monitorização parental mostra que existem diferenças ao nível do consumo de substâncias: os adolescentes com mais monitorização por parte dos pais, consomem menos substâncias ($M = 3.70, DP = 31.54$), quando comparados com os jovens que apresentam menores índices de monitorização parental ($M = 4.27, DP = 2.16$). A interação entre a comunicação com o pai e a monitorização não foi significativa ($F(1, 2603) = 0.243, p = .622$).

Ao analisar o efeito moderador da comunicação com a mãe, que procurou verificar o efeito moderador da comunicação com a mãe, na relação entre a monitorização parental e o consumo de substâncias, mostrou um efeito principal da monitorização parental ($F(1, 2703) = 33.597, p \leq .001$). O efeito principal da comunicação com a mãe não foi significativo ($F(1, 2703) = 1.726, p = .189$). O efeito principal da monitorização parental mostra que existem diferenças ao nível do

consumo de substâncias : os adolescentes com mais monitorização por parte dos pais, consomem menos substâncias ($M= 3.72$, $DP=1.56$), quando comparados com os jovens que apresentam menores índices de monitorização parental ($M= 4.26$, $DP=2.16$). A interacção entre a comunicação com a mãe e a monitorização não foi significativa ($F(1, 2703)= 0.000$, $p=.998$).

A oitava análise, que procurou verificar o efeito moderador da comunicação com o pai, na relação entre a monitorização parental e a violência, mostrou um efeito principal da monitorização parental ($F(1, 2628)= 31.176$, $p\leq.001$). O efeito principal da comunicação com o pai não foi significativo ($F(1, 2628)= 1.537$, $p=.215$). O efeito principal da monitorização parental mostra que existem diferenças ao nível da violência: os adolescentes com mais monitorização por parte dos pais, são menos violentos ($M= 3.92$, $DP=1.67$), quando comparados com os jovens que apresentam menores índices de monitorização parental ($M= 4.32$, $DP=2.02$). O efeito principal da monitorização mostra que existem diferenças ao nível dos sintomas físicos. A interacção entre a comunicação com o pai e a monitorização não foi significativa ($F(1, 2628)= 0.258$, $p=.612$).

A análise que procurou verificar o efeito moderador da comunicação com a mãe, na relação entre a monitorização parental e a violência, mostrou um efeito principal da comunicação com a mãe ($F(1, 2733) = 5.846$, $p\leq.01$) e da monitorização ($F(1, 2733) = 18.999$, $p\leq.001$). O efeito principal da comunicação com a mãe mostra que existem diferenças ao nível da violência: os adolescentes com facilidade em comunicar com a mãe apresentam menores índices de violência ($M= 4.05$, $DP=1.76$), quando comparados com os jovens que apresentam dificuldade em comunicar com a mãe ($M= 4.34$, $DP=2.13$) que apresentam maiores índices de violência. O efeito principal da monitorização mostra que existem diferenças ao nível da violência. Os jovens que têm maior monitorização por parte dos pais são os que referem menos violência ($M= 3.91$, $DP=1.66$). Os jovens que têm menores índices de monitorização parental são mais violentos ($M= 4.31$, $DP=1.99$). A interacção entre a comunicação com a mãe e a monitorização não foi significativa ($F(1, 2733)= 0.076$, $p=.783$).

Discussão

O objectivo do presente estudo foi verificar se os jovens que apresentam uma maior monitorização por parte dos pais apresentam uma maior satisfação com a vida e família, são mais felizes, gostam mais da escola, apresentam menos sintomas físicos e psicológicos e apresentam menos comportamentos de risco. Os adolescentes que possuem uma menor monitorização por parte dos pais são aqueles que estão menos satisfeitos com a vida e com a família, são mais infelizes, não gostam da escola, têm mais sintomas físicos e psicológicos e apresentam mais comportamentos de risco (consumo de substâncias e violência). Se essa tendência se verificar, analisar se a facilidade em comunicar com os pais poderá moderar a esta relação e surgir como factor protector.

Os resultados demonstram existirem diferenças em relação ao género e ao ano de escolaridade, relativamente à monitorização. São as raparigas e os jovens mais novos que referem ter uma maior monitorização por parte dos pais. Os resultados encontrados estão de acordo com os obtidos por Li e seus colaboradores (2003).

Os jovens que apresentam maiores índices de monitorização parental são mais satisfeitos com a vida e com a relação que têm com a sua família. A importância da monitorização na vida dos adolescentes é evidenciada com estes resultados, o que vai ao encontro dos resultados obtidos no estudo realizado por Ledoux em 2002 que observou que os jovens que referiam ter uma maior monitorização por parte dos pais eram os que estavam mais satisfeitos com a relação que tinham com a sua família. Os mesmos resultados foram observados no estudo levado a cabo por Grossrau- Breen, Kuntsche e Gemel em 2010. Estes autores puderam igualmente constatar que a monitorização parental está inversamente ligada ao consumo de bebidas alcoólicas, sendo a monitorização um factor protector.

Os resultados do presente estudo evidenciam igualmente que a monitorização parental tem um papel protector nos comportamentos de risco nomeadamente no consumo de substâncias. Estes resultados vão ao encontro dos autores que vêm reforçar a importância da monitorização como factor protector na adolescência (Van Der Vorst et al, 2005; Van Der Vorst, Engels, Meeus, & Devoki, 2006; Ledoux, Miller, Choquet, & Plant, 2002). Os resultados, também demonstraram que os jovens que referem ter uma maior monitorização por parte dos pais, são também aqueles que são menos violentos. Resultados que vão ao encontro dos observados num estudo realizado por Li e seus colaboradores em 2003, que referem que a monitorização se correlacionada negativamente com o consumo de tabaco, violência escolar, delinquência e consumo de álcool. Estes autores também observaram que a monitorização a apreça correlacionada positivamente com o desempenho académico. No presente estudo também se pôde observar que a monitorização apreça associada ao gosto pela escola. Os jovens que referiram ter monitorização por parte dos pais são aqueles que gostam da escola.

A monitorização parental aparece também associada ao bem-estar dos adolescentes, evidenciado nos resultados obtidos no presente estudo. Os jovens que apresentam menos sintomas psicológicos e são mais felizes são aqueles que apresentam uma maior monitorização por parte dos pais. Resultados que estão de acordo com os obtidos noutros estudos, nomeadamente o realizado por Scharf, Mayseless e Kivenson-Baron em 2004, que observaram que uma relação com a família surge como factor protector no aparecimento de sintomas psicológicos.

Na análise, que teve como objectivo verificar o efeito moderador da comunicação na monitorização parental, apenas se verificou o efeito moderador na satisfação com família (comunicação com pai e mãe) e nos sintomas psicológicos (comunicação com a mãe).

Relativamente ao papel da comunicação do pai na satisfação com a família, pode-se observar que os jovens que referem ter pouca monitorização por parte dos pais mas com facilidade em comunicar com o pai apresentam maiores índices de satisfação com a família quando comparados com os jovens que têm pouca monitorização parental e dificuldade em comunicar, o mesmo se verifica para a análise para a comunicação com a mãe.

Quando analisada a interação da comunicação com a mãe e a monitorização parental relativamente aos sintomas psicológicos, os resultados demonstram que os jovens que têm pouca monitorização parental mas, apesar disso têm facilidade em comunicar com a mãe apresentam menos sintomas psicológicos quando comparados com os jovens que têm pouca monitorização parental e dificuldade em comunicar com a mãe. Estes resultados vão ao encontro dos obtidos por Ackard, Neumark-Sztainer, Story e Perry em 2006, que observaram que os jovens com baixa monitorização parental e dificuldades em comunicar com os seus pais apresentavam maiores índices de sintomas depressivos,

Observa-se que os jovens são influenciados pela monitorização parental e pela comunicação no entanto, não surge interação entre estas duas variáveis na maioria das variáveis em estudo. Talvez pelo facto de estas duas variáveis surgirem a maioria das vezes associadas torna-se difícil analisar o efeito moderador de uma delas, neste caso a comunicação. Assim em futuros estudos seria importante estudar a associação entre a monitorização parental e a comunicação e os efeitos na saúde, bem-estar e comportamentos de risco nos adolescentes.

É de salientar o papel da monitorização para um bom desenvolvimento na adolescência, com menor incidência em comportamentos de risco e um maior bem-estar. Sendo assim, mais uma vez é importante referir o papel crucial dos pais, neste caso através da monitorização das actividades dos jovens. Ao longo da idade a monitorização parental vai sofrendo um decréscimo pelo facto de coincidir igualmente com uma aproximação do grupo de pares, que pode surgir como factor de risco. Conhecer os amigos dos filhos, monitorizar as actividades realizadas fora de casa, participar activamente nas actividades diárias dos filhos, e a facilidade em comunicar surgem como factores de prevenção para estilos de vida menos saudáveis e para um maior bem-estar dos jovens.

Considerações finais:

- As raparigas e os jovens mais novos têm uma maior monitorização por parte dos pais.
- A monitorização parental aparece como factor protector no consumo de substâncias e violência.
- Os jovens que referem ter uma maior monitorização por parte dos pais são aqueles que estão mais satisfeitos com a vida e família, são mais felizes, gostam mais da escola e apresentam menos sintomas psicológicos.

- Apenas surgiu efeito da comunicação como pai e mãe na satisfação com a família e nos sintomas psicológicos na comunicação com a mãe.

Referências

- Ackard, D. M., Neumark-Sztainer, D., Story, M., & Perry, C. (2006). Parent-child connectedness and behavioral and emotional health among adolescents. *American Journal of Preventive Medicine*, 30,59-66.
- Borawski, E., Landis, C., Lovergreen, L., & Trapl, E. (2003). Parental monitoring, negotiated unsupervised time, and parental trust:the role of perceived parenting practices in adolescent health risk behaviors. *Journal of Adolescent Health*, 33,60-70.
- Cantril, H. (1965). *The pattern of human concerns*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.
- Currie, C., Roberts, C., Morgan, A., Smith, R., Settertubulte, W., Samdal, O., Rasmussen, V.(2004). *HBSC, and WHO cross national study: research protocol for the 2001/2002 survey*. Copenhagen: WHO
- Creed, P., Mueller, J., & Patton, W. (2003). Leaving high school. The influence and consequences for psychological well-being and carrer-related confidence. *Journal of Adolescence*, 26,295-311.
- Grossrau-Breen, D., Kntsche, E., & Gmel, G. (2010). My older sibling was drunk- Younger siblings' drunkenness in relation to parental monitoring and the parent-adolescent relationship. *Journal of Adolescence*, 33,643-652.
- Hindelang, R., Dwyer, W., & Leeming, F. (2001). Adolescent risk-taking behavior: a review of the role of parental involmnet. *Curr Problems Pediatrics*, 31,67-83.
- Huebner, H., & Howell, L. (2003). Examining the relationship between adolescent sexual risk-taking and perceptions of monitoring communication, and parenting styles. *Journal of Adolescent Health*, 33 (2), 71-78.
- Joronen, K., & Astedt-Kurti, P. (2005). Familial contribution to adolescent subjective weel-being. *Internacional Journal of Nurses Practices*, 11,(3), 125-133.
- Ledoux, S., Miller, P., Choquet, M., & Plant, M. (2002). Family structure, parent-child relationships, and alcohol and other drug use among teenagers in France and the United Kingdom. *Alcohol and Alcoholism*, 37,(1), 52-60.
- Li, X., Fang, X., Stanton, B., Su, L., & Wu, Y. (2003). Parental Monitoring among adolescents in Beijing, china. *Journal of Adolescent Health*, 33, 130-132.
- Piko, B., & Hamvai, C. (2010). Parent, school and peer-related correlates of adolescents'life satisfaction. *Children and Youth Services Review*, 32, 1479-1482.
- Karademas, E., Peppas, N., Fotiou, A., & Kokkevi, A. (2008). Family, school and health in children and adolescence: findings from the 2006 HBSC study in Greece. *Journal of Health Psychology*, 13 (8),102-120
- Rai, A. (2003). Relative influences of perceived parental monitoring and perceived peer involvement on adolescent risk behaviors. an analysis of six cross-sectional data set. *journal of Adoelscent Health*, 3, 108-118.

- Roberts, C., Currie, C., Samdal, O., Currie, D., Smith, R., & Maes, L. (2007). Measuring the health behaviours of adolescents through cross-national survey research: recent developments in the Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) study. *Journal of Public Health*, 15(3), 179-186.
- Scharf, M., Mayseless, O., & Kivenson-Baron, I. (2004). Adolescents' attachment representations and developmental tasks in emerging adulthood. *Developmental Psychology*, 40, (3).430-444.
- Van Der Vorst, H., Engels, R., Meeus, W., & Dekovic, M. (2006). The impact of rules, parental norms and parental alcohol use on adolescent drinking behaviour. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 46, 1299-1306.
- Van Der Vorst, H., Engels, R., Meeus, W., Devoki, M., & Van Leeuwe, J. (2005). The role of alcohol specific socialization on adolescents' drinking behaviour. *Addiction*, 100,1464-1474.
- Van Ryzin, M. J., Gravely, A. A., & Roseth, C. J. (2009). Autonomy, belongingness, and engagement in school as contributors to adolescent psychological well-being. *Journal of Youth and Adolescence*, 38, 1-12
- Wilkinson, R. B. (2010). Best friend attachment versus peer attachment in the prediction of adolescent psychological adjustment. *Journal of Adolescence*, 33, 709-717.